

## **A herança cristã em Oscar Wilde: um retorno aos heróis bíblicos**

Prof Ms.Carlos Eduardo Brefore Pinheiro<sup>1</sup>

### **Introdução**

Um rapaz puro e sensível, oprimido pelas responsabilidades do poder que foi obrigado a assumir, as quais muitas vezes levam um soberano a cometer atrocidades. Um príncipe que busca a realização pessoal através da abnegação, da caridade e do amor ao próximo, na tentativa de vencer a indiferença e a frieza de uma sociedade individualista. Um mundo que só se preocupa com as aparências e a falsa nobreza, injusto e cruel com as criaturas boas e sensíveis. Este é, nas palavras de Marcos Bagno (1998, p. 7), o universo ficcional dos contos *O jovem rei* e *O príncipe feliz*, de Oscar Wilde: histórias caracterizadas pela presença de seres imaginários, pelos relatos maravilhosos e pela linguagem carregada de ternura e emotividade.

Por meio de uma análise das estruturas narrativas construídas por Wilde nesses dois contos, percebe-se um retorno à herança cristã de tradição bíblica implícita à sociedade ocidental desde a Antiguidade Clássica. Seriam, então, fatos e personagens destes contos os símbolos de uma fé que tem por base o amor a Deus e o amor ao próximo como meio para se chegar à plenitude existencial, nesta dimensão e na dimensão espiritual.

---

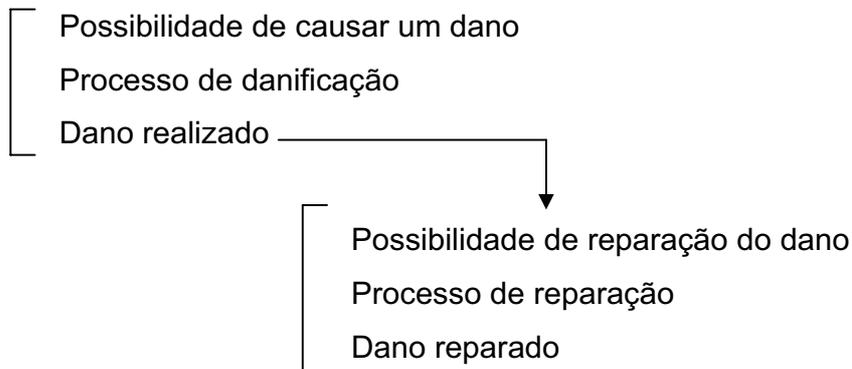
<sup>1</sup> Mestre em Teoria da Literatura pela UNESP – São José do Rio Preto; Professor das disciplinas Oficina de Língua, Literatura e Arte e Teoria da Literatura, do curso de Letras, das Faculdades Integradas Toledo.

O presente trabalho propõe-se, pois, a comprovar esta teoria a partir da análise dos recursos narrativos empregados por Oscar Wilde na confecção destes contos. A partir de elementos como seqüência narrativa, personagens, espaço, princípio de retorno mítico, entre outros, poder-se-á chegar à conclusão de que os contos em questão propõem um retorno aos heróis bíblicos como modelos a serem seguidos na busca de realização espiritual do ser humano.

### **O JOVEM REI**

Para se ter uma visão de estrutura narrativa empregada por Wilde neste conto, bem como dos elementos empregados para a construção do sentido, fazer-se-á uma análise linear da construção da diegese a partir do esquema de seqüência narrativa proposto por Claude Bremond, entendendo a seqüência narrativa como “uma unidade autônoma, estrutural e semanticamente completa, mas suscetível de integrar um conjunto maior” (D’ONOFRIO: 1995, p. 72).

O conto *O jovem rei* seria formado por uma seqüência narrativa complexa por encadeamento: uma seqüência elementar sucede a outra depois de acabada a primeira. Essa seqüência se realiza duas vezes ao longo do conto para dar conta da totalidade da diegese. Sua estrutura (que é reiniciada após seu primeiro término) é a seguinte:



A primeira seqüência narrativa complexa por encadeamento tem início com o caso de amor que surge entre a filha do rei e um artista estrangeiro que se instalou na cidade e com o seu casamento secreto e a conseqüente gravidez da princesa. O fato de tal união ser vista como algo indigno pelo rei e pela corte instaura a POSSIBILIDADE DE CAUSAR UM DANO. O protagonista desta primeira seqüência é o rei, que motiva o PROCESSO DE

DANIFICAÇÃO ao mandar assassinar o marido da filha e entregar a criança recém-nascida a um casal de pastores que vive na floresta. Com o suposto envenenamento da princesa, temos o final do dano, o DANO REALIZADO.

À beira da morte, o rei, por remorso ou por não permitir que o trono saia das mãos de sua família, decide buscar seu neto (POSSIBILIDADE DE REPARAÇÃO DO DANO) e reconhecê-lo como seu herdeiro diante do Conselho (PROCESSO DE REPARAÇÃO). O jovem Rei passa a viver no castelo e, após a morte de seu avô, é preparado para a sua coroação (DANO REPARADO).

Após o término da primeira seqüência narrativa, que serve como introdução à trama central do conto, inicia-se uma nova seqüência, também por encadeamento, cujo protagonista será o jovem Rei, que trará para o leitor um processo de volta à herança cristã, centrada na figura de Jesus Cristo, de quem, metaforicamente, o jovem Rei será uma extensão.

Ao se instalar no castelo, o jovem Rei fica deslumbrado pelas riquezas que lhe pertencem: leões de bronze dourado, quadros estrangeiros, gemas gregas, estátuas de mármore, tapetes persas, adulárias de marfim manchado, braceletes de jade. Dentre todas essas riquezas, o que mais admirava o Rei era a roupa a ser usada em sua coroação: roupa de ouro tecido, coroa incrustada de rubis e cetro de pérolas. É justamente o traje para a coroação que será o motivo para o início da nova seqüência narrativa.

A possibilidade, o processo e a realização do DANO ocorrem na narrativa se fazem visíveis para o jovem Rei por meio dos três sonhos que ele tem na véspera da coroação. Neles, o Rei viu os tecelões que trabalhavam arduamente, passando fome e vivendo em condições precárias para confeccionar suas vestes reais; os escravos que morreram no mar, buscando pérolas para o seu cetro; e os mineradores que morreram de frio, de febre e pela peste para conseguir rubis para a sua coroa.

Ao despertar de seus sonhos, pouco antes da coroação, o jovem Rei entre em crise com seu mundo e a sua posição: o espaço tópico (castelo cheio de riquezas e belezas) transforma-se num espaço atópico (a dor e o sofrimento que estão incrustados em cada jóia real). É a partir deste momento que se dá o retorno à herança cristã: o jovem Rei passa a assumir, metaforicamente, o papel de Jesus Cristo (POSSIBILIDADE DE REPARAÇÃO DO DANO), e o processo de REPARAÇÃO DO DANO terá início com sua coroação.

Note-se que a partir de então o jovem Rei adquire a *competência* específica para efetuar a sua *performance*, isto é, para ser o sujeito de ações dinâmicas: ele tem o SABER (conhece o sofrimento de seu povo), o QUERER (possui a vontade de mudar tal realidade) e o PODER (seu cargo permite que ele realize tal mudança). Assim como Jesus, que nasceu no estábulo e sofreu para pagar pelos crimes da humanidade, o jovem Rei, que foi criado entre os pastores, vai ser humilhado por seus próprios súditos para levar adiante seu ideal.

Sua primeira atitude para mudar a realidade é a rejeição das vestes feitas para a coroação, o que choca os cortesãos. Ao alegarem que o povo só reconhecerá o jovem Rei se este usar vestes de rei, os cortesãos remetem o leitor para a própria situação de Jesus Cristo, que teve sua majestade contestada por muitos, por ser filho de carpinteiro e um homem humilde: “Veio para o que era seu, e os seus não o reconheceram” (João, 1: 11).

A sós com seu pajem, o jovem Rei providencia suas novas vestes: uma túnica de couro, um casaco de pele de carneiro, um cajado de pastor de cabras e um ramo de espinheira silvestre em forma de coroa. As novas vestes são uma materialização da personificação de Cristo no jovem Rei: a túnica de couro faz referência ao fato de o sofrimento de Jesus para o perdão dos crimes da humanidade ser comparado ao sofrimento do boi que tem que carregar pesados fardos enquanto meio de transporte; o casaco de pele de carneiro simboliza Jesus como “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João, 1: 29); o cajado de pastor refere-se à alcunha que o próprio Jesus se dá, “o bom Pastor” (João, 10: 11); e o ramo de espinheira simboliza a coroa de espinhos que puseram em Cristo no momento de sua crucificação.

Após causar espanto entre os cortesãos, o jovem Rei sai pelas ruas e é alvo de zombaria por parte do povo: “É o bobo da corte que vai passando – e zombavam dele” (WILDE: 1998, p. 23), assim como os soldados zombavam de Jesus e lhe esbofeteavam durante a sua Paixão. Após entenderem o motivo pelo qual o jovem Rei está trajado daquela forma, o povo tenta persuadi-lo a mudar sua atitude. Entre os argumentos utilizados, é estabelecido um intertexto com a passagem bíblica em que o profeta Elias é alimentado por corvos a mando de Deus: “Acaso pensais que os corvos nos vão alimentar?” (WILDE: 1998, p. 23). Posicionando-se de forma descrente em relação a tal fato, o povo deixa claro que a miséria, a fome e a infelicidade acabam provocando a falta de fé na providência divina.

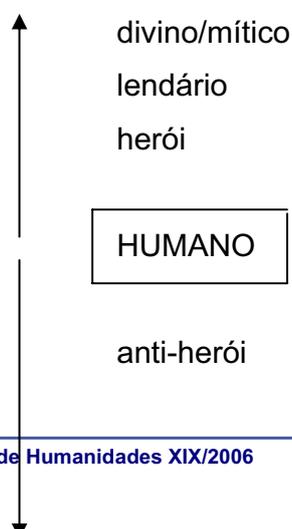
Ainda durante este diálogo, tem-se o jovem Rei defendendo a idéia da igualdade que deve haver entre pobres e ricos pelo fato de ambos serem irmãos. Um homem do povo então

contra-argumenta, dizendo que “o nome do irmão rico é Caim” (WILDE: 1998, p. 23), referindo-se ao personagem do livro de Gênesis, que mata o próprio irmão por inveja, dando início a corrupção do gênero humano. Neste momento, o jovem Rei é abandonado por seu pajem, que fugiu amedrontado, ficando só, assim como Jesus, em seus últimos momentos, também ficou só, porque todos os seus apóstolos fugiram por medo também.

Chegando à catedral, ele se depara com seu último antagonista: o bispo, que assim como os cortesãos e o povo, também tenta persuadi-lo a se portar convenientemente, pedindo que ele esqueça seus sonhos, pois “o fardo deste mundo é grande demais pra que um homem o carregue, e o sofrimento do mundo pesado demais para que um coração o suporte” (WILDE: 1998, p. 24). Alusão explícita à situação de Jesus Cristo: “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido” (Isaías, 53: 4).

Reprovando a atitude do bispo, o jovem Rei sobe os degraus do altar e, após orar, é banhado por uma luz que desce do céu e transforma seu traje em “uma veste mais bela que a que tinha sido feita para seu deleite”, o velho cajado “abriu-se em flor, em lírios que eram mais alvos que pérolas”, e os secos espinhos “floresceram e produziram rosas mais rubras que rubis”. A transformação divina que ele sofre no altar demonstra a vitória de Jesus Cristo, que ressuscitou três dias após sua crucificação, finalizando sua tarefa de salvação da humanidade e fundação do cristianismo. Assim como o jovem Rei “parecia um anjo” ao descer do altar e atravessar a multidão, Cristo foi glorificado após sua ressurreição e ascendeu aos céus. Com isso tem-se o fim da seqüência narrativa: o DANO REPARADO.

Observando-se a evolução do personagem jovem Rei dentro do conto, podem-se fazer algumas considerações a partir do esquema de percurso do personagem literário, proposto pela crítica:

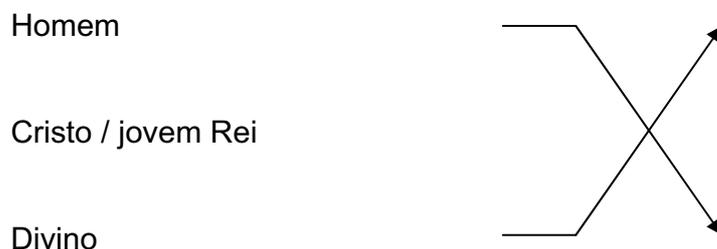


animal  
vegetal  
mineral

O jovem Rei, começando seu processo de REPARAÇÃO DO DANO com a escolha de vestes de pastor para sua coroação, inicia uma trajetória decrescente, passando do plano humano para o animal (túnica de couro e casaco de pele de carneiro) e, concomitantemente, para o plano vegetal (cajado de madeira e coroa de espinheira silvestre). Essa queda, porém, antes de ser algo negativo, simboliza algo positivo: a queda do aspecto humano e a conseqüente ascensão do aspecto divino. Ao se rebaixar como ser humano, o jovem Rei cede espaço a seu lado espiritual, que está em elevação. A subida ao altar e a coroação indicam a ascensão do personagem ao plano divino ou mítico.

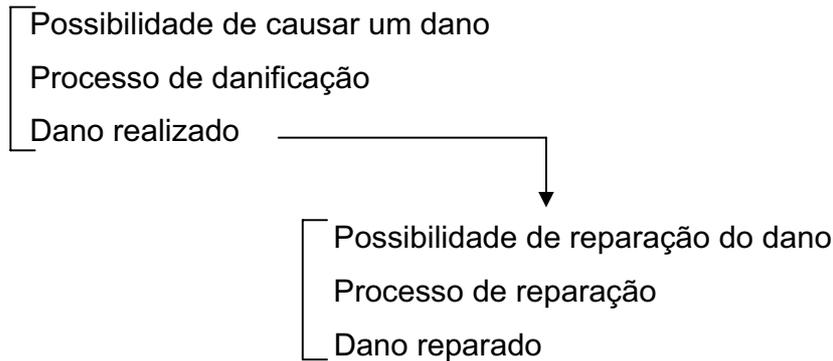
Estabelecendo um paralelo com Jesus, a partir do estudo de Kothe (2000, p. 33), tem-se Cristo reunindo em si o alto da divindade com o baixo da humanidade. Ele tem seu apogeu no momento de maior degradação: na Paixão. Ele nunca desempenha um papel mais elevado do que no momento que ele é mais degradado: é neste momento que ele é mais redentor. Em termos literários, “a ressurreição de Cristo é um maravilhoso *happy-end* para uma história e uma situação catastrófica (...), correspondendo ao instinto de sobrevivência e do desejo de felicidade” (KOTHE: 200, p. 35).

Resumindo, o quiasmo básico da Paixão de Cristo e da coroação do jovem Rei se estrutura do seguinte modo:



## O PRÍNCIPE FELIZ

Assim como foi feito com *O jovem rei*, a análise de *O príncipe feliz* será iniciada a partir do esquema de seqüência narrativa de Claude Bremond, e, assim como em *O jovem rei*, o conto *O príncipe feliz* é formado por uma seqüência narrativa complexa por encadeamento, de acordo com o esquema que segue abaixo:



A primeira parte da seqüência narrativa, a POSSIBILIDADE, o PROCESSO e a REALIZAÇÃO DO DANO, funciona como introdução à história central e tem como protagonista o Príncipe Feliz. Durante toda a sua vida, o príncipe viveu dentro dos muros do palácio, não conhecendo as misérias do mundo real: “Meus cortesãos me chamavam de Príncipe Feliz, e feliz de fato eu era, se prazer é felicidade. Assim vivi e assim morri” (WILDE: 1998, p. 47). A falta de conhecimento a respeito dos problemas de seu reino causou no príncipe a impossibilidade de tentar mudar a realidade, por isso pode-se dizer que, no seu caso, o DANO é involuntário, visto o seu desconhecimento.

Após sua morte, a alma do Príncipe Feliz é aprisionada em uma estátua que foi feita em sua homenagem e colocada no alto da cidade, de onde ele podia ver toda a feiúra e toda a miséria de sua cidade e, embora tendo um coração de chumbo, chorar diante de tal realidade. A mudança de espaço é fundamental para a transformação interior do príncipe: ao espaço tópico de sua vida (o castelo) opõe-se o espaço atópico de sua morte (o alto da cidade).

Diferentemente do jovem Rei, que diante da tomada de consciência já apresentava a *competência* específica para efetuar sua *performance* (ações dinâmicas), o Príncipe Feliz

sofre algumas carências nesse sentido. Durante sua vida, ele possuía o PODER, pois tinha as condições essenciais para executar a REPARAÇÃO DO DANO. Porém não possuía o SABER (conhecimento da realidade) e, por isso, conseqüentemente, não possuía o QUERER (a vontade de mudar tal realidade). Em sua morte e aprisionamento na estátua, o príncipe passa a ter o SABER (pois vê toda a miséria da cidade) e, a partir dele, adquire o QUERER (pois sente tristeza e quer mudar a realidade). Porém sua atual forma o impossibilita de executar tal ação, faltando-lhe, assim, o PODER.

O protagonista da trama necessitará então do auxílio de um outro personagem, que irá assumir o papel de ajudante do herói: a Andorinha. O fato de ela iniciar sua atuação estando apaixonada por um Junco (símbolo da humildade) já é um indício de que terá a *competência* para ajudar o Príncipe Feliz na execução da *performance*. Conhecendo o príncipe, sua história e sua vontade de ajudar os pobres da cidade, a Andorinha passa a ter as três qualificações (QUERER + SABER + PODER) para executar a tarefa.

A Andorinha, então, noite após noite, vai executando os pedidos que o príncipe lhe faz, iniciando o PROCESSO DE REPARAÇÃO DO DANO: entregou o rubi da espada do príncipe a uma costureira que estava com o filho com febre e querendo laranjas; a safira de um dos olhos do príncipe para um jovem escritor que não conseguia terminar sua peça por estar com fome e com frio; a safira do outro olho a uma menina vendedora de fósforos, que perdeu seus fósforos e estava com medo de voltar para casa e apanhar do pai; e as placas de ouro fino que revestiam a estátua para todos os pobres da cidade.

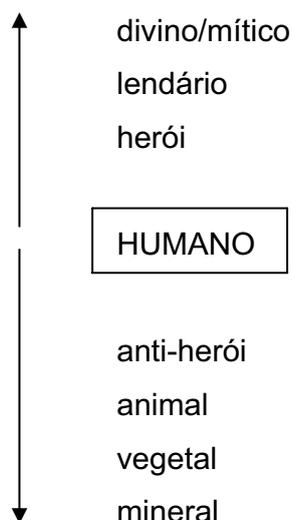
Com o término da possibilidade de ajudar os outros, chega-se ao final da seqüência narrativa: o DANO REPARADO. A Andorinha morre devido à chegada do inverno, e o coração de chumbo da estátua do príncipe se parte ao meio, indicando que sua alma foi libertada. Como recompensa, ambos, a Andorinha e o Príncipe Feliz, são conduzidos ao céu, para habitar no jardim do Paraíso e na cidade de ouro de Deus: é a passagem do espaço atópico para o espaço utópico.

Seguindo a teoria de retorno aos heróis bíblicos, proposta deste trabalho, pode-se dizer que o personagem Príncipe Feliz é a personificação de Jó, homem do Antigo Testamento. Jó era rico e perdeu todos os seus bens e seus parentes com o consentimento de Deus. Pobre e doente, vai para o meio das cinzas e trava uma discussão com três amigos, num jogo de argumentações em que Jó se defende das acusações dos amigos e demonstra sua fé e seu

amor por Deus. Diante da fé de Jó, Deus o livra de seu sofrimento, restituindo-lhe em dobro os seus bens e possibilitando que ele constitua uma nova família.

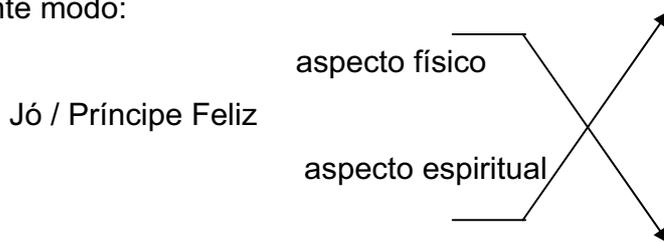
Assim como Jó, que tinha tudo, o Príncipe Feliz também possuía todos os recursos para ser considerado um homem feliz. Jó perde tudo o que possuía e vai para o meio das cinzas; o príncipe morre e tem sua alma aprisionada em uma estátua, onde pode ver a infelicidade de seu povo. Nesse sentido, ambos passam do espaço tópico para o espaço atópico. Jó defende sua fé em uma discussão com três amigos; o Príncipe Feliz entrega as três jóias de sua estátua a três pessoas necessitadas (a costureira, o escritor e a vendedora de fósforos). Jó ainda tem seus atos avaliados por um quarto amigo, que chega no final de seu percurso de sofrimento; o príncipe se desfaz das placas de ouro que o revestiam em favor de todos os pobres de sua cidade. Jó tem seus bens de volta, em dobro, restituídos por Deus; o Príncipe Feliz e a Andorinha são levados por um anjo para a cidade de ouro de Deus e seus jardins.

Para ajudar a entender a evolução do personagem Príncipe Feliz, no processo de retorno à figura de Jó, é plausível utilizar (assim como foi feito em *O jovem rei*) o esquema de percurso do personagem, proposto pela crítica literária:



O aprisionamento da alma do Príncipe Feliz, após sua morte, na estátua feita em sua homenagem, indica a queda do personagem, que passa do plano humano para o plano mineral: estátua de ferro e chumbo ornamentada de ouro e jóias. Como Jó, que se assentava nas cinzas, o príncipe desce ao plano mais inferior para conseguir sua transformação interior. O auxílio prestado pela Andorinha indica a sua ascensão, do plano mineral para o plano animal. Do estágio disfórico passar-se-á, então, ao estágio eufórico, com o príncipe assumindo o papel de herói, por sua abnegação, sua caridade e seu amor ao próximo. A identificação da figura de Jó no Príncipe Feliz faz com que este chega ao plano do lendário (reflexo do herói bíblico). A trajetória do personagem chega ao apogeu com a libertação de sua alma e sua ida para o céu: é a chegada ao plano do divino, a entrada no espaço utópico. A própria localização da estátua (no alto da cidade) indica esta verticalização ascendente do personagem e do espaço, que passará do plano humano para o plano divino.

Resumindo, o quiasmo básico da trajetória do Príncipe Feliz e de Jó se estrutura do seguinte modo:



Para encerrar esta análise do conto *O príncipe feliz*, convém algumas considerações sobre a presença do elemento trágico, presente nas histórias de Jó e do príncipe. De acordo com Kothe (2000, p. 25), “na tragédia clássica não se tem apenas o percurso da superioridade de um herói elevado, mas se tem o desvelamento de sua queda e a descoberta de sua maior grandeza na queda”.

Unindo semas opostos como divino e humano, força e fraqueza, matéria e espírito, o herói trágico é um ser superior que cai em desgraça e, por meio desta queda, demonstrará a sua superioridade. Jó e o Príncipe Feliz (podendo-se estender esta teoria ao jovem Rei e a Jesus Cristo) demonstram que pelo sofrimento pode-se chegar a um estágio de aprendizagem, e, por meio desse sofrimento, o homem, adquirindo a verdadeira dimensão de sua essência, terá a condição de ser feliz.

## CONCLUSÃO

Após esta breve explanação sobre a herança cristã presente nos dois contos de Oscar Wilde, chega-se à conclusão de que o retorno bíblico estabelecido pelo autor na trama dos contos apresenta uma intenção didático-moralizante de retorno aos princípios da fé cristã. Tem-se clara, nas narrativas, a apologia da abnegação, da caridade, do amor ao próximo, da possibilidade de regeneração do ser humano, na tentativa de se vencer a indiferença, a injustiça e a frieza de uma sociedade egocêntrica, voltada exclusivamente para os seus próprios interesses.

Ao resgatar as figuras de Jesus Cristo e Jó em seus contos, Oscar Wilde, mais do que simplesmente fazer-lhes referência, dá-lhes vida novamente, dentro do universo do texto literário, por meio dos personagens jovem Rei e Príncipe Feliz, trazendo para o leitor uma nova possibilidade de leitura de um drama humano que pertence a todas as épocas da história da humanidade: a luta e o sofrimento do ser humano durante a sua trajetória de vida e a busca do divino por meio da fé, para poder-se suportar as dores da batalha e conseguir-se chegar à vitória.

Wilde demonstra que em literatura, assim como na religião e na vida, pode-se passar pelo sofrimento e, a partir deste, demonstrar-se toda a grandiosidade que reside no ser humano, incansável na sua busca de realização existencial, tanto física como espiritual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

FRYE, Northrop. Mito, ficção e deslocamento. In: *Fábulas de identidade: estudos de mitologia poética*. São Paulo: Nova Alexandrina, 2000.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

VÁRIOS. *Bíblia sagrada*. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

WILDE, Oscar. *O jovem rei e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1998.